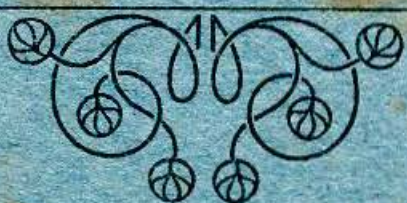


REVISTA

DO

Instituto Histórico e Geographico
de São Paulo



20

SÃO PAULO

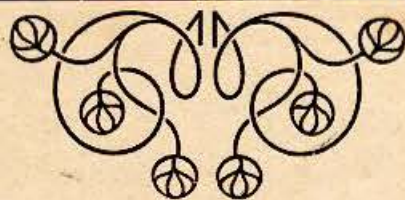
TYPOGRAPHIA DO « DIÁRIO OFFICIAL »

1918

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico
de São Paulo



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO « DIARIO OFFICIAL »

1915

Os Cherentes

(ABORIGENES DO BRAZIL CENTRAL)

PELO

Prof. JOSÉ FELICIANO
Socio effectivo do Instituto

[de Oliveira]

Os Cherentes

(Aborígenes do Brazil Central)

I

A civilização dos índios — Algumas notas para seu estudo e protecção

O 18.º Congresso dos Americanistas, reunido em Londres no mez de maio de 1912, acaba de publicar seus *Annaes*. Ahi vêm umas notas minhas sobre os índios cherentes, de que largamente discorri em 1896, num entusiasmo protector, desinteressadamente protector, que devia ser esquecido uma duzia de annos depois.

Os quatorze a quinze artigos, que publiquei então, visavam a justificar uma subscrição em favor dos cherentes e de sua real civilização. Os primeiros recursos, que não faltaram, eram destinados á compra de instrumentos agricolas, de animaes e á installação de uma professora, que entre os cherentes iria ensinar os rudimentos da vida civilizada.

Como insisti depois, em 1900 («Descobrimento do Brazil», conclusão), era necessario que a transição das brenhas para a cidade se fizesse gradualmente e se não transplantesse o rude gentio, para em nossas ruas iniciar-se na vadiagem mais ou menos engravatada.

Era mesmo conveniente que não os enfarpeassemos com as roupas e gravatas de uma civilização apparente, afim de os fazer funcionarios do estado ou militares carnavalescos.

Minha idéa era instituir nas cercanias das cidades ou villas uns elementares estabelecimentos de ensino com largueza campezina e com os sós indispensaveis elementos para tirar aos selvicolas a primeira crosta da florestal rudeza.

Seriam assim agricultores simples, capazes de evitar, por exemplo, a immigração dos japonezes mais civilizados, que perturbarão nossa vida nacional.

Os primeiros alumnos e alumnas ficariam sómente uns seis mezes no internato, para tomar o primeiro gosto dos arranjos domesticos, da agricultura, e aprender a contagem primaria, com as primarias luzes da elementar sonorização

de letras. Seria mais uma hospedagem amavel, que attrahisse a segunda leva. Esta ficaria um anno, e uma terceira um anno e me o. Bastaria que depois se fixasse em dois annos o curso normal dessa preparação iniciadora, em que se dariam sómente os aspectos simples de nosso viver, os que permittissem a gradual passagem das mattas para as villas mais civilizadas...

Encontrei então todos os obstaculos, alguns dos quaes expuz francamente: — tiveram origem numa doentia rivalidade que frustrou em parte a primeira missão. Até nestas coisas do bem geral ha gente civilizada que faz disso meio de luta pela vida ou peanha de gloria individual (como se a fama viesse de um passageiro trilhado de nossa pessoa!)

Houve um dedicado estrangeiro, muito nosso amigo, muito educador e entusiasta até á velhice, — houve um Horacio Lane, com verdades de moço, que me offereceu o apoio dos americanos para levar avante meu esboço de «protecção» ou civilização indigena.

Como o inicio havia de ser no Tocantins, os recursos iriam directamente pelo Pará. «Na America do Norte, dizia-me o bom e saudoso amigo, os entusiastas pelos indios são numerosos. Faça uma memoria para o proximo congresso de americanistas e verá como, ao lerem sua memoria, todos se voltarão para escutal-a attentamente.

Os recursos não faltarão e o senhor logo se tornará associado dos melhores institutos americanos», terminava o caro amigo, a estimular mais directamente meu brio, minha vaidade juvenil... E foi elle que nos Estados Unidos publicou em folheto meus artigos, traduzindo-os em parte para o inglez.

Achei que não devia ceder a tentação tão grande. Já nesse tempo venciam em mim, com outros defeitos, um doentio patriotismo, que na patria tanto mal me fez, sem me valer a correcção dos maioraes, nem as inglorias depressões injustas...

Veu depois a «Protecção dos indios»... Lembrei de novo as idéas antigas. Mas ellas vinham já tismadas de peccado original... E ficaram outra vez desprotegidas.

Assim tudo corra bem, graças á dedicaçã de alguns abnegados e sem o virus tenaz do funcionalismo indigena... duplamente indigena.

*
**

Na memoria que apresentei em Londres, não toquei nesses pontos educativos. Espero escrever depois mais assentadamente: não desejo com idéas novas perturbar o que se está fazendo e nem perder mais um tempo cansado, em assumpto que o officialismo tem monopolizado sem attender ás tradições, aos estudos anteriores.

Nas publicações do paiz («Revista do Instituto Historico», por exemplo) e do estrangeiro, ha um vasto material descoordenado, que se devia aproveitar em um conjuncto uniformizado, segundo as mesmas regras, num molde só. Foi o que propuz em Londres e o que se discutirá em Washington. Dahi virá um código ethnographico, linguistico e educativo, capaz de guiar os civilizadores de indios, cuja lingua, cujos costumes, cuja elementar civilização devem conhecer previamente.

Fóra desse rumo educativo, será instavel qualquer trabalho de civilização. Os novos elementos que trouxermos para as cidades podem ser uma exhibição theatral, como os de 1897, serão funcionarios do estado, ou alimentarão o alcoolismo de nossos contubernios mal civilizados.

A França em Marrocos, na Indo-China está-nos dando esse triste exemplo, a «proteger» os indigenas, para os tornar clientes das tabernas privilegiadas. Não ha nenhuma vantagem em os tran:migrar para as cidades ou em retirá-los de uma vida pastoril e agricola. Só nesta serão utilmente civilizados.

*
**

Dou aqui o resumo do que expuz em Londres, e em outros artigos apresentarei o desenvolvimento rapido, ligeiro da parte ethnographica. A parte linguistica, bem mais alongada foi publicada em Londres, onde me resumiram muito a memoria original. O vocabulario, bastante longo, saiu em portuguez e inglez.

Eis o resumo preliminar:

I ETHNOGRAPHIA

- 1) Classificação;
- 2) Costumes ethnicos e estado social;
- 3) Costumes religiosos e lendas.

II LINGUISTICA

- 1) Classificação morphologica;
- 2) Denominações ethnicas, familiares, sociaes e religiosas;
- 3) Grammatica, phraseologia e vocabulario. (Notas para um esboço).

Segundo a classificação de Martius e alguns recentes aperfeiçoamentos ou retoques, os Cherentes (Xerentes — Sherentes — Scherentes) pertencem ao vasto grupo dos Gês, parte central e segundo sub-grupo dos «Acuêns» (Akuêns?)

São aparentados com os Chavantes (Shavantes — Schavantes), mas permaneceram em sua primitiva séde, com seus

costumes e lingua original. Foram aldeados em meado do seculo ultimo.

Até 1896 e mesmo até 1911, achavam-se á margem do Tocantins, segundo os dados que me forneceram seus chefes em S. Paulo.

As informações anteriores e vocabularios são confusos, inverosimeis ou resultam de observações rapidas e audições incompletas, por ouvidos mal habituados á phonetica sonora, cantante das linguas aborigenes.

O material deste trabalho provém das conversações de um chefe, corroboradas por outros que em S. Paulo me visitaram de 1896 a 1911.

* * *

Nessas visitas notei a immensa alegria infantil do indio, quando eu lhe dizia algumas palavras em cherente. As mulheres e as crianças se agitavam ruidosamente. Os velhos abriam uns risos francos e todos se tornavam logo familiares. Um delles prometeu enviar diamantes, que facilmente podia encontrar para que eu de novo lhe remetteste animaes e instrumentos agricolas.... Disse depois em carta que deitára no correio de Goyaz ou do Triangulo Mineiro «uma caixa de phosphoro» com umas pedras — que nunca me chegaram ás mãos...

Os ultimos chefes, que me visitaram, já me pareceram assim muito vistos nas mânhas e arteirices de nossos civilizados.

Habituavam-se aos presentes, e tornavam-se avidos, interesseiros, rivalizando uns com os outros.

E' o inconveniente da protecção sem disciplina, sem trabalho educativo, sem assentada vida agricola, como os jesuitas exemplificaram nas celebradas *Missões* e *Reducções* de outróra.

Os civilizados de outra banda, os que se consideram já com forças para civilizar, por demais andaram provando, em seus desperdicios, quanto o capital humano, quanto o moral do homem precisa de seguras regras. Tenho visto quão esforçados têm sido alguns na campanha da protecção aos indios. Infelizmente esses elementos não dominam e nem podem manter um systema permanente, fóra do funcionalismo official. A's vezes podem ser vontades boas que ahi empregam um zelo apostolico. Mas em nosso campo civilizado as catecheses lutam entre si e nós mesmos ainda estamos bem mal catechizados.....

Ainda bem que ha vontades boas em todos os campos e com resultados aproveitaveis. E será melhor que todas se congreguem num só conjuncto nacional, humano, em que não nos deslembremos dos destinos geraes da civilização, feita para todos os homens, com todos os credos, sem preconcebidas distincções odiosas...

Ethnographia

1

CLASSIFICAÇÃO

Aqui se reflecte a confusão geral das noções anthropologicas, ethnographicas e ethnogenicas das raças humanas. Não havendo criterio geral, nem mesmo empirico, para uma classificação exacta, material dos aborigenes brasileiros, não havendo aqui uma «sciencia», no rigor philosophico do termo, acceitaremos as tradições consagradas historicamente, poeticamente por Anchieta, Gabriel Soares, Fernão Cardim, Simão de Vasconcellos, Gonçalves Dias...

Assim, temos desde logo as duas grandes tradicionaes denominações — *Tupis* e *Tapuyas*, que se não applicavam a nenhuma tribu em particular: São para nós como em geral os suppostos, primitivos «arianos» e «anarianos», ou como «indo-europeus» e «semitas», ou ainda como «hellenos» e «pelasgios», «romanos» e «barbaros», «germanos» e «slavs», «latinos» e «saxões». São um dualismo logico de pouca sciencia e muita coordenação geral.

Tupis designarão, pois, a duzia de pacificas tribus littóreas, mais adeantadas e muitas das quaes tinham nomes que começam por essas duas syllabas, como os serviçaes, trabalhadores «Tupiniquios», que tão bem receberam Pedro Alvares Cabral e Nicoláu Coelho a 23 e 25 de abril de 1500 (os *tuppins-Ikins* de Hans Staden ou *tupinaquês* de Simão de Vasconcellos).

Tapuyas ficarão sendo a multidão barbara do interior, «hostis» ás tribus do littoral (os invasores?).

A estes deviam pertencer então os Cherentes, de que trato agora.

Os «Cherentes», «cherens» ou «Xerentes», «Xerens», serão os «Xarayes» («Charayes») do adelantado Alvaro Cabeza de Vacca, ou os Xerues (Cherues) de Schmidel, que no meado do seculo XVI habitavam as regiões paludosas das cabeceiras do Paraguay?

Orbigny, no principio do seculo XIX, os menciona como nação numerosa, que habitava «entre o Araguay e o Tocantins». E no dictionario de Milliet de Saint Adolphe e Caetano Lopes de Moura, em 1845, apparecem já os Cherentes ou Xerentes como «nação de indios cujas tribus se acham em sete aldeias na provincia de Goyaz, perto do Rio Tocantins, acima da cachoeira do Lageado (nome da aldeia que os Cherentes chamam Rio da Taraira ou Trahyra — «Zúca» ou «Zuken») entre os rios Preto («zúca?») e Maranhão. São estes indios guerreiros, doces, activos e proprios a todo genero de industria.»

Em 1851 («Rev. do Instituto Historico», XIX), frei Raphael de Taggia, capuchinho italiano, os enumera aldeados com os Chavantes e conta 2.139 indios em Thereza Christina. Em 1887, o viajante francez Alfred Marc. encontra os mais para cima, na Piabanha. Abandonaram o primitivo lugar, por ser pestifero, e na Piabanha viviam, em numero de 2.723 individuos, mansos e já em parte falando o portuguez. Mais tarde (1895?) os frades dominicanos, a N. E. da ilha do Bananal, encontraram uns 1.500 Cherentes.

O incremento que Carlo; von den *Steinen*, *Coudreau* e o dr. Paulo *Ehrenreich* deram então ao estudo dos «povos naturaes do Brazil central» (1885-1894), veio rectificar muitos erros de *Martius*, quanto aos sete grupos em que distribuiu os «Tapuyas».

Não sei se a redução geral a quatro grupos ou “series principaes” (*Tupis*, *Gês* ou *Tapuyas*, *Ne-Aruoks* e *Caribas*) responde melhor á realidade, e se é logicamente aceitavel. Sei que a conservação dos «Gês» não corresponde ao facto apontado por *Martius* (tribus indigenas com nomes terminados em «gês») e que a ignorancia das linguas aborigenes ainda aggrava a insignificancia desse criterio taxonomico.

No segundo sub-grupo central dos Gês, entre os Acuêns (*Akuens*), entronca *Ehrenreich* os indios Cherentes e no Médio Tocantins, onde estão, fixa elle sua originaria sede. Faço aqui as mesmas anteriores reservas, porque sei que o nome «Acuen», entre Chavantes e Cherentes, designa em geral a gente humana e o indio em particular. (V. *Vocabulario* e *Phraseologia* annexos aos «Annaes» do Congresso de Londres).

Os Cherentes consideram- e aparentados ethnica e linguisticamente com os Chavantes. Noutro tempo tiveram parentes communs com os Carajás. Dão-se como parentes dos Caraôs e Cayapós. Os velhos da tribu contam historias destas ligações e dizem que outr’ora os Cherentes viveram unidos aos Chavantes, com quem brigaram por causa das mulheres.

Os Chavantes ainda denominam os Cherentes — «Acuen-oá-si-cui-oá» («gente aparentada de nós», segundo me traduziu logo um chefe dos Cherentes).

Linguisticamente notei muita semelhança e mesmo identidade, entre os vocabularios dos Cherentes, dos Chavantes, dos Chicriabás, dos Acroás-mirins e mesmo dos Apinagés, Caraôs, Aponegicrans e Cayapós. Neste esboço rapido, não me é possível desenvolver esta these. (V. *Spix*, *Martius* e seus vocabularios).

2

COSTUMES ETHNICOS

Os Cherentes, desde pequeninos, são «coroados» por suas mães ou pelas parentas chegadas. Fazem no alto da cabeça um pequeno cercilho, como a tonsura dos padres, e

pintam-no de vermelho com «urucú» (ba). Faziam-no a principio com taquara («cu-hi») e hoje empregam a tescura.

Adiante analysa o nome *seren*, *serennan*, *in-seren* («co-roar»), donde evidentemente veio o nome *cherente*, como o affirmo desde 1896.

O relativo assento que este «povo» teve nas cercanias de sua originaria séde, fez que nelle se desenvolvessem costumes verdadeiramente ethnicos e caracteristicos. Assim, ha entre elles um notavel instituto que desde velhos tempos estabeleceu a divisão dos Cherentes em duas tribus analogas ás dos israelitas, ou ás dos atticos e romanos.

A primeira tribu, a mais aristocratica, é a dos *si-da-cran* (*cran*-cabeça), cujos membros se distinguem por um signal em forma de colchete ([]), que se pinta no rosto, por occasião de festas. A outra é a dos *si-ptá-tó*, cuja marca é um circulo de corla negra (*ptó*-redondo). Ha um marcador official (*cò-mon-sir-man*) para cada tribu e é esse um cargo hereditario, exercido por um membro de tribu differente: — tem um certo character espirital, que o faz intervir nas festas, nas rixas, etc.

Dizem que as tribus foram estabelecidas para evitar o casamento entre parentes, afim de produzir uma raça forte, sem degenerados filhos. O casamento se faz com noivos de tribus diversas.

A educação do moço é feita numa especie de convento («oá-ran»), onde o educando entra menino (*ach-ton* o *ach-ton*) e donde sae para casar, se pôde conservar-se donzel — (*si-psá* e «*si-psá-plo-creu-da*»).

Os moços e moças que se desviam (*ai-meu-man* e *ben-da*) só se podem casar com uma cerimonia profana ou civil, á maneira da romana confarreacção (*confarreatio*.) Esse é o casamento *dá-cu-ken*, especie de contrato verbal com um banquete, em que servem um bolo de beijú ou «sacro farro», que deu nome ao acto.

O casamento verdadeiro, o religioso, chama-se *cri-ten-coá* e só se contráe entre noivos donzeis (*si-psá*).

Em 1896, segundo informações do capitão Sepé, que foram depois confirmadas pelo chefe Lino, assim descrevi esse interessantissimo casamento.

O «*cri-ten-coá*» é verdadeiramente solenne. Em geral casam-se diversos de uma só vez. Ordinariamente é o pae da «*si-psá*» que vai combinar com o do «*si-psá-ptó-cren-dá*.» Se todos accordam no casamento, marca-se o dia da cerimonia, e os casamenteiros, que já constituiram familia religiosamente, se aprestam para raptar os noivos do «oá-ran».

Tudo isto se combina, no maior segredo, porque se um «*ach-ton*» percebe alguma cousa, logo avisa no «oá-ran» o noivo e este quasi sempre foge.

De madrugada os casamenteiros vão ao «oá-ran» e carregam os noivos para o matto. Lá o enfeitam com plumas vistosas e o pintam garridamente.

Emquanto isto se passa, na aldeia as mulheres preparam a noiva, que fica numa casinha (*cri-rié*) especialmente construída para esse fim. A noiva senta-se na passagem de duas portas fronteiras.

Os casamenteiros então conduzem o noivo, que caminha aos empurrões, todo medroso e acanhado. Vem com as mãos na cabeça, segurando o arco e a flecha atravessados. Chegando a uma das portas, tiram-lhe a flecha e o arco, para elle entrar. O noivo então, industriado por seus paranymphos, ajoelha-se com a perna direita e encosta-se a um lado da noiva. Levanta-se logo e sae pela porta fronteira onde lhe tiram o cinturão de «si-psá»

Os casamenteiros levam-no outra vez para o matto e lá o cumulam de conselhos, como na aldeia fazem as mulheres em relação á noiva. De ambos os lados mostram os deveres respectivos e incutem idéas a respeito do homem (*ámba*) e da mulher (*pi-côn*), patenteando seus defeitos e qualidades. — «E' preciso que a mulher saiba aturar o homem, saiba servir-o e não o aborreça, não o impaciente... — E' preciso que o homem não dê importancia demasiada ás mulheres, que «são assim», são «isto» e mais «aquillo»... Exgotados os conselhos e chegada a noite, trazem o noivo para o leito nupcial, preparado com ricas esteiras e pinturas caprichosas. Ahí fica o noivo uma hora no maximo, muito envergonhado. A' porta espera-o um dos casamenteiros, que o conduz de novo para o matto. Lá dormem e no dia seguinte levam o noivo á caça. Mas o pobre homem está triste, pensativo e não toma parte nos exercicios venatorios. Da veação que os outros mataram, leva elle um cesto á noiva e deixa-o na porta, voltando para a companhia de seus padrinhos, que retornam ao sermão parenético e dão-lhe novos conselhos, pouco feministas algumas vezes.

Nessa noite e nas seguintes, durante 15 dias e mesmo um mez ou mais, repetem a mesma cerimonia, até que o noivo se habitue com a noiva. Durante esse tempo, em que lhe é defeso alimentar-se de carne, não pode ir dormir em casa de seus paes.

Concluído o noviciado conjugal, o noivo, como obrigação final, ha de levar na cabeça um cestinho de carne á casa da noiva, e passa depois á festa do burity.

Entre os cayapós, chavantes e cherentes é commum essa festa, que alguns chamaram «Touro de burity», outros «Zóra de burity», e que se deve chamar, segundo o capitão Sépé, *cúl-ôdê* ou *cúliôdê*, ou «tóro de burity». A festa consiste em trazerem os cherentes, de muito longe, um grande tóro de burity, que deve por fim ser carregado pelos noivos, alternadamente.

Esta solemnidade é entre elles muito apreciada, e o paraiso, que imaginam no centro ou no seio da terra, é um campo bellissimo, onde perpetuamente se faz a festa do burity.

ESTADO SOCIAL

O estado social dos Cherentes ia-se assentando no regimen agricola. Já tinham estabelecido o anno, suas estações e accidentes meteorologicos, com determinações para a lavoura.

Contam os mezes por lunações, e o anno começa em junho com o apparecimento das Pleiades, quando o sol está prestes a deixar a constellação de *Taurus*.

A's Pleiades, ou sete-estrello, os cherentes denominam «sururú» e essa constellação é geralmente conhecida dos indios de nosso continente sul-americano. Com intervallo de oito dias mais ou menos apparecem as «Hyades» («pluvias Hyadas») e o «Boldrié» de «Orion». Todas essas constellações são conhecidas dos cherentes, e seu apparecimento de manhan annuncia-lhes vento. Das Hyades notam especialmente as duas estrellinhas «delta», a que chamam «oá-si-si» «oá-ptá-mi-riâ» (estrellas juntinhas). De «Orion» conhecem o Boldrié (vulgarmente «Tres Marias»), que denominam «si-dai-coá-sá».

Estas constellações desde a mais alta antiguidade foram sempre utilizadas por todos os povos para marcar o tempo. As Pleiades prestaram sempre relevantes serviços aos nautas, sobretudo no Mediterraneo. Entre os indios ha sempre um nome que lhe corresponde e que serve muitas vezes para significar o anno. Lendas diversas se contam sobre as Pleiades «cyincé» ou «cé-incy», em tupy chamado nheengatú, ou «cejuçu» no tupy de G. Dias e Martius

Marcgrav e Piso dão-nos um antigo testemunho da importancia das Pleiades entre os Tupys: — «Annos suos numerant ab exortu Heliaco Pleiadum, quos «Ceixu» (Ceinçu?) vocant atque ideo annum eodem nomine denotant: accidit autem is ortus mense nostro Majo» (*Marcgravi et Piscini*, «*Historia Naturalis*», Amsterdam, 1648, p. 369).

Os cherentes observam os nascimentos heliacos (antes do sol) de «Sururú» e portanto seus nascimentos cosmicos (com o sol). Entre dois desses nascimentos annuaes de «Sururú», os cherentes contam 13 luas (13 «oá-ité») e a esse anno chamam «oá-hú» («hú - collecção»). Dividem o anno em duas partes: 1.^a) 4 luas de secca («oá-hú») mais ou menos de junho a setembro; 2.^a) 9 luas de chuva («á-ké-nan») mais ou menos de setembro a maio».

As derrubadas se fazem nas duas primeiras lunações («oá-ité») de «oá-hú», queimando-se e plantando-se nas outras duas para aproveitar as chuvas de fins de setembro e de outubro. A's vezes plantam ao derrubar as mattas, e depois da queimada nasce o mantimento viçoso, exuberante.

Durante o dia contam as horas pelo sol e á noite pelas estrellas ou pelo pio do inhambú.

Um esboço de governo paternal ahi se delineava, com o character sacerdotal que os anciãos lhe davam.

Entre elles o governador é unanimemente escolhido pelos velhos, que bem representam o poder espiritual da tribu. Vagando-se o governo, por morte, abandono ou destituição, reúnem-se os velhos bem casados no «oá-ran-bá» (pateo do «oá-ran») ou em uma casa apropriada.

Ahi chamam o homem que fixou a attenção da maioria, e pondo-o no meio deliberam sobre sua eleição, discutindo ás claras suas qualidades ou seus demeritos.

Só quando os votos se tornam unanimes resolve-se o eleito a acceitar o cargo, mostrando, porém, que o faz com sacrificio, e no caso de prometterem todos obediencia a suas decisões.

Se algum dos velhos recusa prometter ou antes discordou na eleição, o escolhido não a acceita, porque não que sujeitar-se a ser desobedecido quando decidir questões que interessem ao discordante.

Uma vez produzida a unanimidade, e acceito o cargo, com as reservas da modestia, digna, responsavel, preparam-se todos para a festa da sagração. Depois dessa reunião que se chama «dá-si-cunhan», o escolhido é consagrado chefe ou coa-tbre-cre-dá.

4

COSTUMES RELIGIOSOS E LENDAS

Já esses costumes se viram nos caracteres ethnicos e sociaes dos cherentes.

O typo mongoloide do cherente, o mandarinismo de sua educação conventual e até o nome podiam mergulhar de novo os espiritos aventureiros em conjecturas arriscadas, a que seu culto astrolatrico, sua linguagem dariam outras apparencias comprobatorias.

Não convem enveredar por essas inconsistentes vias.

No culto dos cherentes é o sol, com o nome de *Bedâ* (e surdo), que constitue o idolo supremo, rodeado de *Oâ* (lua) das estrellas (*Oa-ci*) e especialmente de *Sururú* (Pleiades).

Bedâ e *Oá* peregrinam pelo mundo como outr'ora *Jupiter* e *Mercurio*, para tentar os corações dos *Philemones* e *Baucides*. E' essa uma lenda capital que não posso desenvolver. O que devo agora firmar é a idolatria astrolatrica, fetichista que domina entre os cherentes e os demais aborigenes americanos.

Alguns vocabularios mencionam *Deus*. São enxertos ainda informes da catechese. Quando se lhes pergunta por *Deus*, respondem *Oá-ptó-coá*, acrescentando mesmo christãmente *ôá-meu-man*, pae nosso, *pater noster*.

O real é que, no mesmo nome *ôá-ptó-coá* está o disco (*ptó*), o *Bedâ*, sol do céu, para onde geralmente se aponta, ao indicar o Deus *pater*.

Todas suas festas, — a da pedra, a dos mortos ou almas, mesmo a do *burity*, — estão impregnadas desse fetichismo astrolátrico. Na festa da pedra, esta (*Ksirê*) tem a forma de um crescente. Na festa dos mortos ha um longo mastro, por onde as almas dos feiticeiros (*sé-coá*) se vão communicar no céu com seus parentes, que estão no Sol, na Lua, nos idolos astros.

Os cherentes já têm seu pequeno cemiterio (*dá-crú*) com sepulturas ou covatos (*ap'crieu*) onde enterram seus mortos.

Annualmente limpam os cemiterios e as sepulturas. Ha coveiros (*da-si-creu-coá*), que são sempre tirados de tribu diversa daquella a que pertence o defunto. Só guardam este o tempo necessario para a abertura da cova (quando o fallecimento se deu durante o dia).

As lendas attestam uma reacção astrolátrica, em opposição aos ensinamentos catholicos do inferno infero e da gloria supera.

Algumas me foram narradas pelo capitão Sepé, e a que em seguida vae quadra bem para terminar esta imperfeita, esta apresada parte de meu trabalho, — promessa de melhoria em futuro opusculo (?)

5

A ESTRELLA (ÔÁ-CI)

(Lenda cherente)

A lenda da estrella visa a demonstrar que na abobada celeste se acha situada a região infernal ou a habitação dos esqueletos, dos fracos, dos despidos de musculatura.

O caso deu-se com um «*si-psá*», que estava no «*heuran-mó-coá*» uma especie de annexo do «*oá-ran*.»

Uma noite, contemplando o céu pontilhado de estrellas, uma destas mais o impressionou por seu brilho limpido e sereno.

— Que pena não poder eu encerrar-te em uma cabaça para te mirar a meu contento!

Assim exclamou suspirosamente o joven «*si-psá*», lançando olhares ternos para a estrella impassivel. E longo tempo ainda levou a contemplar o astro resplendente.

Recolheu-se depois com seus irmãos, e todos dahi a pouco adormeciam em suas esteiras.

Sonhou o «*si-psá*» com sua estrella. No meio da noite acordou e qual não foi o seu espanto, sentindo a seu lado uma jovem de olhos scintillantes. Julgou uma tentação e afastou-a de si, dizendo-lhe que se fosse dalli sem demora.

— Mas eu sou a estrella brilhante, que desejaste possuir encerrada em tua cabaça!

O moço ficou mudo, confuso, não soube logo que dizer. Instantes depois voltou o «si-psá»:

— Mas tu és capaz de ficar dentro de minha cabaça de cocos («cúi-cá»)?

— Sim, affirmou a «oá-ci»

O jovem tomou de sua «cúi-cá» meteu dentro a estrella («oá-ci-ma-tô- e-rem-nin»); esta virou os olhos para cima, e era uma lindeza contemplal-os em todo seu brilho.

O moço não soceguou mais.

Durante o dia, sahiu para o matto: não largava de pensar na estrella, que tanto desejára num momento de irreflexão e cuja posse agora o deixava tão embaraçado:

Em sua ausencia, os irmãos quizeram pregar-lhe uma peça e mancommunaram-se para ir roubar-lhe os cocos da «cúi-cá».

Um subiu ao tecto, para desatar a cabaça donde seu irmão a tinha pendurado. Outro, que ficou embaixo, recebeu-a e, ao abril-a, scltou um grito de espanto, largando-a immediatamente.

— Ahi está um bicho com olhos de fogo!

E ambos deitaram a correr, abandonando a cabaça.

Quando o «si-psá» voltou, os irmãos narraram-lhe o sucedido, dizendo-lhe que não tocasse na «cúi-cá».

O irmão ralhou muito com elles, dissimulou o caso e foi de novo suspender a cabaça no logar primitivo.

Só á noite sahiu a «oá-ci» de seu esconderijo e foi ter com o moço, que, apesar de sobresaltado, continuava a contemplal-a com embevecimento.

No dia seguinte a estrella convidou o *si-psá* para ir caçar. Chegando perto de uma bacabeira a estrella pediu ao moço que subisse na palmeira para colher um cacho de bacabas.

Quando o *si-psá* já estava lá em cima, cortando o cacho, a *oá-ci* gritou-lhe:

— Segura-te bem ahi!

E deu com uma vara na bacabeira, ao mesmo tempo que nella trepava. Logo a arvore foi erescendo, erescendo e afinando-se cada vez mais... Adelgaçou-se, e subiu tanto que tocou no céu. Lá, com as folhas a estrella amarrou a bacabeira a um paredão e ambos, firmando-se no topo da arvore, saltaram para dentro do céu.

O *si-psá*, todo assustado, viu á roda de si um campo desolado e ao longe uma casa. A estrella deixou-o alli e encaminhou-se para a casa. Voltou dahi a pouco, trazendo diversas iguarias para o moço. Recommendeu-lhe depois que dalli não se arredasse e foi-se embora.

O joven ficou triste e sem saber o que pensar de tudo o que lhe estava acontecendo. Dahi a pouco ouviu ao lado, não muito longe, um confuso arruido de vozes e sons de buzinas. Parecia uma festa com cantigas e dansas.

A estrella voltou logo; de novo ordenou-lhe que dalli não sahisse e, sobretudo, que não fosse ver a festa cujo barulho tinha percebido. E a *oa-ci*, deixando-lhe comida, foi-se embora outra vez.

O *si-psá* não pôde mais reprimir sua curiosidade e sahiu a ver que festa era aquella.

Foi e viu... um horror! Era uma dansa macabra de nova especie. Uma multidão circumgirava esqueletica, disforme, com os ossos de fóra, os intestinos suspensos, e os olhos seccos nas orbitas cavadas. Tudo tresandava a carne putrefacta, infeccionando os ares...

O moço voltou espavorido: encontrou-se com a estrella que o reprehendeu severamente, e o metteu num banho, em que o lustrou inteiramente, tirando-lhe o cheiro pestilencial.

Pôl-o de novo no lugar primitivo e sahiu. Mas o *si-psá* não queria mais ficar ali. Logo que viu a *oa-ci* a certa distancia, abalou-se para o ponto em que a bacabeira estava presa. A estrella adivinhou seu intento e correu para o prevenir. O *si-psá*, porém, andou mais rapidamente e quando a estrella chegou ao paredão, já elle desatára a bacabeira, pulando-lhe no tópo. A arvore pegou de encolher, encolher, engrossando-se cada vez-mais, até chegar em baixo e ficar como era dantes.

A estrella olhou-o tristemente e lhe disse:

— Debalde foges: por cá tu has de vir sem demora.

Com effeito, descendo da bacabeira, o *si-psá* achou-se mal da cabeça: contou aos paes o acontecido e logo morreu, sem lhe valer ensalmos nem mezinhas...

.

Assim descobriram como lá em cima não é um céu de delicias que nos espera, apezar de haver astros que dahi nos alumiam e nos encantam.

.

